



ais de meio mundo que mora em Portugal pede chuva, e ninguém lhe pó de contestar a razão; assim como a outra metade pede que a não haja, e guincham que tem justiça.

O lavrador pede chuva para haver para o anno boa colheita, tem razão: e os vampiros monopolistas de trigo não a querem para se eucharrem com o pouco que houver, e seringarem o respeitavel publico, mostrando-o de longe ás pitadinhas, e escondendo o resto.

O primeiro meio mundo, que pertence á classe do primeiro meio mundo, pede além da chuva d'agua, uma chuva de vespas, tarantolas, e santopeias assanhadas (mas só em casa d'elles), para se lhes intróduzirem na bóca, orelhas, ventas, olhos e e não os largarem sem elles pedirem misericordia, e abrirem os selleiros!!

Cada pingo d'agua, não dizemos bem, cada perola, que cae, é um chuço que entra no coração de um monopolista, ou de um padeiro rico! Estes rhinocerontes são por natureza sêccos, e a humidade constipam-os; em fim são agiotas de grão.

O dia 1.º de Janeiro, que se chama o dia d'anno bom, apesar de se não poder sabir á rua; foi perfeitamente um dia dos que se precisam muitos para fazerem o anno bom, mas para os gordos monopolistas foi um dia de anno mau.

Figas, cruces, saramagó, mostarda, alecrim, alho, e fumo de chinellos queimados, para fugirem d'entre a gente.

Permitta o céo que quando estiverem para dormir, 300 rapazes lhes toquem aos ouvidos, em panellas e cafeteiras velhas, que se lhe introduza dentro da cama um cão da rua cheio de lama até ás orelhas, que entre pela janella da cosinha uma gata com Janeiro, que lhe chova na cama, que a pia lhe deite mau cheiro, que tenha ratazanas na cosinha, que tenha por visinhos de cima um mestre de dança, debaixo uma escola de primeiras letras; do lado direito um rebequista aprendiz, do esquerdo uma tecedeira, na loja um jogo de chinquillo, defronte uma casa de estudantes terríveis, e que o quintal seja de sequeiro, e tenha tantos mesquitos que não possa ter as janellas abertas.

Que o aguadeiro não lhe traga a agua a tempo, que os visinhos batam com a porta da rua quando sahirem ou entrarem, que venham para casa ás duas horas da noite sempre bebidos, e com mau vinho, que o sapateiro lhes ponha mau cabedal nas botas, e sempre fiquem apertadas, que o candieiro lhe deite fumo, que ao fato lhe dê traça, que tenham frieiras, callos e

dôres de dentes; finalmente, que sejam atacados de quebranto e bruxarias!

Ha muita outra gente que não quer chuva por outros motivos, e se nos dessemos ao incommodo de contar o que sabemos, não tinhamos espaço para mais. Exemplo:

Os janotas não querem chuva para poderem passear a seu gosto, e como quasi todos são muito ricos, não lhes dá cuidado que o pãozinho esteja caro, mas nós os pobrezinhos pedimos a nosso Senhor, que nos dê agua, embora se não possam gozar as delicias do Chiado,



Dizem todos que o anno de 1851 acabou, e é um facto attestado por toda a Europa.

Uns querem que elle fosse muito mau; affirmam outros que foi muito bom. Quem lhe doe o dente vá ao dentista, e quem tem pulgas cata-as. E' isto geralmente o que se tem feito, faz, e hade fazer.

Não tem duvida, que no anno passado aconteceram muitas fatalidades.

A Lei de 31!

Como está mortificada
Mas não posso abandona-la.

(Nina, acto 2.º)

1

Eu vi uma folha
Que sahe das Mercês
Gritar como dez
Por acabar isso.

Parece a cachorra
Até que se damna,
Mas em porcelana
Não falla n'isso.

E para mais cousas
Eu ir sabendo,
Ainda vou lendo
O resto ao derriço,

2

Fallava a pequena
Da febre amarella,
Sendo por ella
Inventado isso.

E tambem falla
Em regeneração,
Mas de concussão
Não falla n'isso.

E para mais cousas
Eu ir sabendo
Ainda vou lendo
O resto ao derriço.

3

Esquece a commenda
A Mealhada
A foguetada
E o chouriço.

As companhias,
O atum d'escabeche.
Esquece o caleche
Esqueceu tudo isso.

E para mais cousas
Eu ir sabendo
Ainda vou lendo
O resto ao derriço.

4

Não falla de peitas
Não falla em tomar
Não falla em roubar
Tem medo d'isso.

Na lei das rolhas
Nem do azeite
Nem do Alfeite
Porque é isso?

E para mais cousas
Eu ir sabendo
Ainda vou lendo
O resto ao derriço.

5

Esquece as quinzenas
Esquece as estradas
E as cutiladas
Que deu o Magriço.

Tambem não lembram
Antecipações
Nem os ladrões
Que comeram isso.

E para mais cousas
Eu ir sabendo
Ainda vou lendo
O resto ao derriço.

6

Tambem não diz
Que Antonio Thomaz
Para roubar
Era mestre d'isso.

Que os agiotas
Outros que taes
Tinham cabedacs
A' custa d'isso.

E para mais cousas
Eu ir sabendo
Ainda vou lendo
O resto ao derriço.

(Continuar-se-ha.)



Idem ao José da Adição tudo o meu gado cavallar, e muar, e todos os animaes que possuio,
Idem ao foguetiro da Cruz das Almas, meu melhor amigo, 4 resmas de Estandartes truncados para embru-

lhar as bombas dos foguetes, valverdes, pistolas, rodinhas, e toda a qualidade de fogo que necessite ser empapelado.
Idem aos gaiatos do Poço Novo, um Estandarte para lhe servir nas suas brincadeiras.
Idem a todos os conegos pobres, um chicote a cada um, para com elle fustiga rem qualquer individuo, que se atreva a quere-los roubar.
Idem ao João Aliás, um par de botas sem tacões, e com gretas, que estavam inutilizadas, cheias de bolór, e destinadas para o ferro-velho, e uma escova de côco para tirar lama das calças.
Idem ao Felix, uma poltrona com as

costas quebradas, o assento roto, e um pé de menos, mas como é velha, pertence-lhe; e juntamente tres bilhas, uma talha, e quatro odres para o seu azeite.
Idem a tia das Mercês, a Independencia Nacional gravada em pau, que me serviu para tanta cousa, e no fim quiz a sorte mesquinha que ficasse envolvida em pós de sapatos e oleo, por castigo de seus peccados.
(Continuar-se-ha).

Responsavel Manoel de Jesus Coelho.
Typographia de Manoel de Jesus Coelho
Rua do Poço dos Negros n.º 54.

Idem ao José da Adição tudo o meu gado cavallar, e muar, e todos os animaes que possuio,
Idem ao foguetiro da Cruz das Almas, meu melhor amigo, 4 resmas de Estandartes truncados para embru-
lhar as bombas dos foguetes, valverdes, pistolas, rodinhas, e toda a qualidade de fogo que necessite ser empapelado.
Idem aos gaiatos do Poço Novo, um Estandarte para lhe servir nas suas brincadeiras.
Idem a todos os conegos pobres, um chicote a cada um, para com elle fustiga rem qualquer individuo, que se atreva a quere-los roubar.
Idem ao João Aliás, um par de botas sem tacões, e com gretas, que estavam inutilizadas, cheias de bolór, e destinadas para o ferro-velho, e uma escova de côco para tirar lama das calças.
Idem ao Felix, uma poltrona com as

Idem ao José da Adição tudo o meu gado cavallar, e muar, e todos os animaes que possuio,
Idem ao foguetiro da Cruz das Almas, meu melhor amigo, 4 resmas de Estandartes truncados para embru-
lhar as bombas dos foguetes, valverdes, pistolas, rodinhas, e toda a qualidade de fogo que necessite ser empapelado.
Idem aos gaiatos do Poço Novo, um Estandarte para lhe servir nas suas brincadeiras.
Idem a todos os conegos pobres, um chicote a cada um, para com elle fustiga rem qualquer individuo, que se atreva a quere-los roubar.
Idem ao João Aliás, um par de botas sem tacões, e com gretas, que estavam inutilizadas, cheias de bolór, e destinadas para o ferro-velho, e uma escova de côco para tirar lama das calças.
Idem ao Felix, uma poltrona com as

Idem ao José da Adição tudo o meu gado cavallar, e muar, e todos os animaes que possuio,
Idem ao foguetiro da Cruz das Almas, meu melhor amigo, 4 resmas de Estandartes truncados para embru-
lhar as bombas dos foguetes, valverdes, pistolas, rodinhas, e toda a qualidade de fogo que necessite ser empapelado.
Idem aos gaiatos do Poço Novo, um Estandarte para lhe servir nas suas brincadeiras.
Idem a todos os conegos pobres, um chicote a cada um, para com elle fustiga rem qualquer individuo, que se atreva a quere-los roubar.
Idem ao João Aliás, um par de botas sem tacões, e com gretas, que estavam inutilizadas, cheias de bolór, e destinadas para o ferro-velho, e uma escova de côco para tirar lama das calças.
Idem ao Felix, uma poltrona com as



UM AGIOTA DE CEREÁES.